unesco Chair

IA.EDU



CONFERENCE BRIEFING

IA.EDU NA UNESCO DIGITAL LEARNING WEEK 2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FAPEAL FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE ALAGOAS

inct institutos nacionais de ciência e tecnologia

SUMÁRIO EXECUTIVO

TÍTULO
CONFERENCE BRIEFING - IA.Edu na UNESCO Digital Learning Week 2026

AUTORES
Ig Ibert Bittencourt, Seiji Isotani, Marcela Lorenzoni R. Rabin, Thomaz Edson Veloso

EDIÇÃO
1ª Edição

ANO DE PUBLICAÇÃO
2026

COODERNADOR EDITORIAL
Eloi Capucho Ferreira

DESIGN GRÁFICO
Eloi Capucho Ferreira
Kevvin Sales da Costa de Oliveira

COMO CITAR ESSE DOCUMENTO
Rabin, M. L. R., Veloso, T. E., Bittencourt, I. I. & Isotani, S. (2026). IA.Edu na UNESCO Digital Learning Week 2026 [Conference Briefing] (20 pp). IA.Edu. DOI: https://doi.org/10.67159/iaedu.na-unesco-digital-learning-week-2026

© 2026 Ig Ibert Bittencourt, Seiji Isotani, Marcela Lorenzoni R. Rabin, Thomaz Edson Veloso. Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte.

Esta publicação foi desenvolvida pelo Instituto de Inteligência Artificial na Educação – IA.Edu no âmbito da Cátedra UNESCO UNITWIN em Inteligência Artificial Desconectada na Educação.

CINCO IDEIAS ATRAVESSARAM A CONFERÊNCIA

1



A primeira é que o contexto importa: soluções de IA tendem a apresentar impactos positivos quando são desenvolvidas a partir das culturas, línguas e currículos de cada território e com a participação das comunidades que se propõe a servir.

2



A segunda diz respeito à governança da IA. Diante de um avanço tecnológico que ocorre em ritmo mais acelerado do que o das instituições responsáveis por orientá-lo, pesquisadores e gestores públicos reforçaram a necessidade de ampliar a governança para além dos governos, envolvendo comunidades e assegurando a soberania linguística e de dados de populações historicamente excluídas deste processo.

3



A terceira é que o debate vem se deslocando da inovação tecnológica para o letramento crítico e para aquilo que é inerentemente humano, com especial atenção para o esforço produtivo necessário ao desenvolvimento de habilidades cognitivas.

4



A quarta é a valorização, formação e agência do professor, reconhecendo que os desafios e as possibilidades de uso de IA não são os mesmos em diferentes contextos, especialmente quando observamos as diferenças entre Norte e Sul Global. Essas especificidades abrem espaço para diferentes formas de integrar a IA à instrução, avaliação, correção e formação profissional.

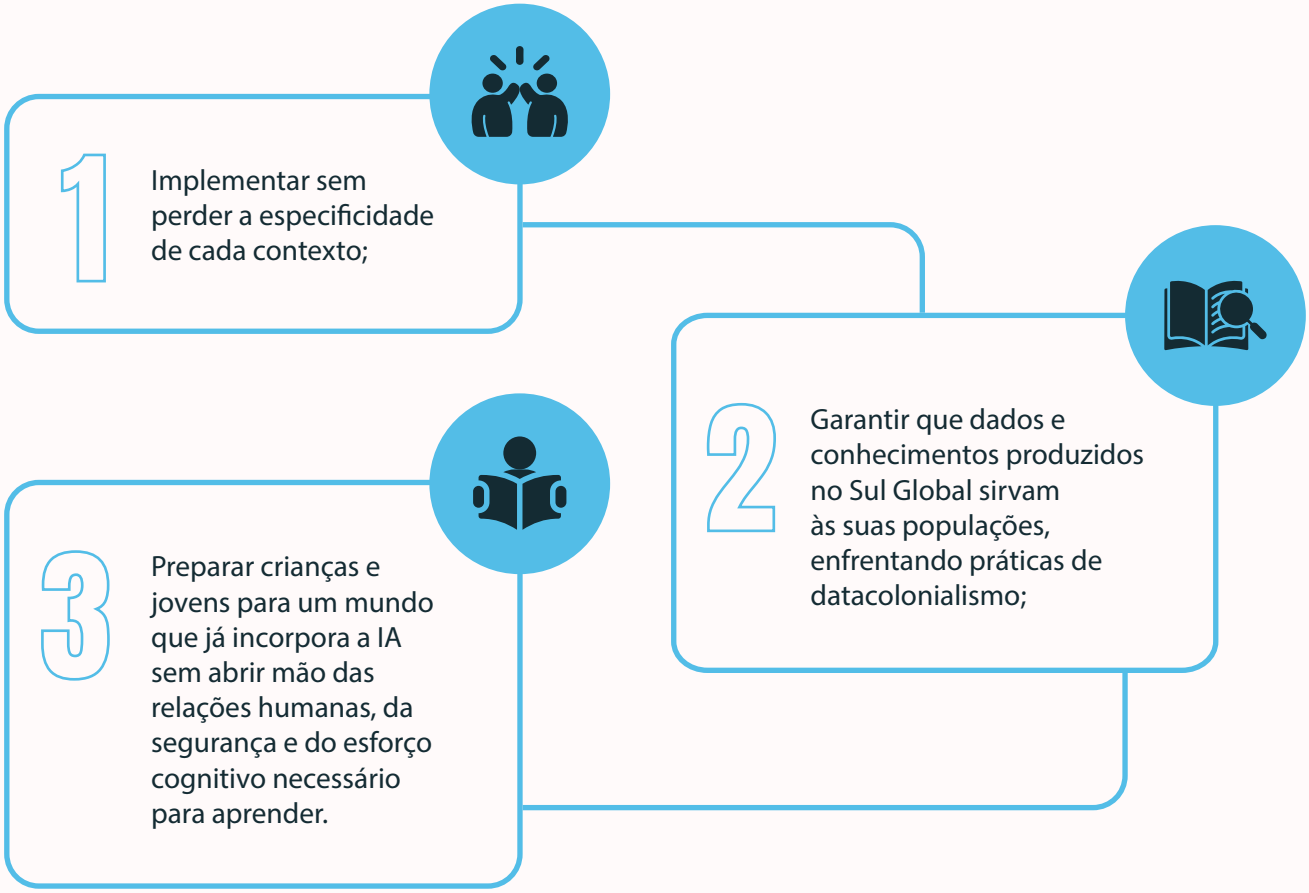
5



Por fim, lideranças da UNESCO reforçaram a necessidade de evidências robustas para avaliar a efetividade das soluções de IA para a aprendizagem, com avaliações que incluam as crianças mais vulneráveis.

Apresentamos também trabalhos desenvolvidos com, sobre e para o Sul Global, que mostram como o Brasil e a América Latina vêm endereçando cada um dos desafios acima. São soluções concebidas desde o início para contextos de recursos limitados (by design), ou seja, essa condição é considerada como premissa no design, no desenvolvimento e na implementação. Não se trata, portanto, de adaptar posteriormente ao Sul Global soluções originalmente criadas para contextos do Norte Global. que partem de contextos de restrição

Três desafios se destacam ao final da conferência:



CONTEXTO: SOBRE O EVENTO E O IA.EDU

A Digital Learning Week 2026, encontro anual da UNESCO sobre tecnologia e educação, reuniu na sede da organização, em Paris, ministros e formuladores de políticas, agências da ONU, parceiros de desenvolvimento, empresas, sociedade civil, jovens, estudantes, professores e pesquisadores. Foram quatro dias de mesa-redonda ministerial, palestras públicas, painéis plenários, sessões paralelas, oficinas de futuros, demonstrações e laboratórios estratégicos.

A conferência girou em torno de três eixos: Facts, Frictions and Frontiers (fatos, fricções e fronteiras).

Os fatos endereçam desafios atuais e questionam quais processos e evidências devem embasar políticas e práticas.

As fricções nomeiam as tensões que a IA gera na pedagogia, currículo, avaliação e governança, e as estratégias para proteger o propósito público da educação.

Já as fronteiras discutem futuros possíveis e caminhos em disputa: a IA como bem público, a soberania digital às tecnologias comunitárias em contextos com poucos recursos, e, em determinados casos, ao retorno de práticas analógicas em contextos de alta maturidade digital.

Ao longo da programação, alguns temas apareceram de forma recorrente: professores no centro, governança participativa e soberania, proteção da infância, avaliação baseada em evidências, acesso e infraestrutura, e a participação de jovens e comunidades.

O IA.Edu, organização sem fins lucrativos criada no ecossistema do Núcleo de Excelência em Tecnologias Sociais da Universidade Federal de Alagoas (NEES/UFAL), tem como objetivo resolver problemas educacionais complexos com apoio de IA. Atuamos com pesquisa aplicada, projetos-piloto, ciência de implementação, disseminação de conhecimento e recomendações de políticas.

Em Paris, o Instituto foi representado por Ig Ibert Bittencourt, cofundador, que conduziu a sessão de trabalho "Rumo a uma diretriz de políticas de IA e Educação da UNESCO", ao lado de representantes da UNESCO e de outros pesquisadores. A sessão reuniu grupos de pesquisa de diferentes regiões para elaborar um framework de IA na Educação. Ig também participou do painel "Políticas e Estratégias Nacionais: Abordagens de Governança para todo o sistema", com o Diretor Executivo do IA.Edu, Thomaz Veloso, apresentando a reforma educacional com IA em andamento na rede pública de educação de El Salvador. Marcela Lorenzoni Rabin, diretora de Operações, compartilhou o framework de IA Desplugada, desenvolvido com a Cátedra UNESCO UNITWIN de IA Desplugada na Educação, ao lado do pesquisador Rafael Mello, na sessão "IA Frugal para uma aprendizagem equitativa: pequenos modelos, soluções offline e acesso ampliado". Por fim, Emanuel Queiroga, pesquisador e líder de tecnologia, realizou a demonstração "Escola pública, automação e mobilidade: Qual educação queremos para 2040?" em parceria com o Instituto Unibanco.







1

O contexto como pilar fundamental e a necessidade do design participativo

DISCUSSÃO: OS TEMAS QUE PERMEARAM A UNESCO DIGITAL LEARNING WEEK

1. O contexto como pilar fundamental e a necessidade do design participativo

A ideia de que uma solução de IA única (one-size-fits-all) possa resolver desafios educacionais diversos e estruturantes ficou para trás. Soluções de IA funcionam melhor quanto mais são construídas, desde a base, em torno de culturas, contextos, línguas e currículos específicos. Esta premissa entende que o desenvolvimento de IA não é neutro, e a ideia de um "usuário padrão" acaba por reproduzir e acentuar desigualdades educacionais (Costanza-Chock, 2020).

No Strategy Lab "Strategy Lab—The new science of learning EdTech evaluation tool: supporting government with cost-effective digital transformation", o professor Dan Wagner, da Universidade da Pensilvânia nos EUA, e Chair da UNESCO Chair in Learning and Literacy, alertou sobre um fenômeno observável: conforme uma solução escala, o impacto positivo na aprendizagem tende a cair, a medida em que se perdem elementos específicos à realidade de cada escola e criança. Outras sessões como "Putting teachers-in-the-lead: Designing AI-tools from classroom realities", "Youth voices informing research, policy and practice" e a própria sessão de IA Frugal, composta pela equipe do IA.Edu, enfatizaram esse movimento.

Estes são princípios da IA Desplugada na Educação (AIED Unplugged), conceito desenvolvido pelo IA.Edu, NEES e a Cátedra UNESCO UNITWIN de IA Desplugada na Educação, composta por pesquisadores de 17 países com foco em IA educacional em ambientes de restrição de recursos. A ideia é que a tecnologia encontre as escolas onde elas estão, considerando as práticas pedagógicas e a infraestrutura atuais, em vez de exigir que o ambiente mude de forma drástica para que a solução funcione.



São cinco os pilares da IA Desplugada que norteiam o desenvolvimento de soluções ancoradas ao contexto: o primeiro é a conformidade: a IA se integra à infraestrutura e às práticas pedagógicas existentes, sem exigir grandes mudanças para funcionar. O segundo é a desconexão: as soluções priorizam o funcionamento offline e usam a internet apenas quando disponível, por exemplo, para sincronizar dados, e suas funções centrais operam sem conectividade. O terceiro é o proxy: como na maioria dos cenários não há um dispositivo por estudante, considera-se um intermediário entre os estudantes e a solução de IA, normalmente o professor. O quarto é o caráter multiusuário: hardware e software são usados por vários estudantes e professores, o que impede depender de soluções que registrem interações individuais ou exijam login e logout. O quinto é a simplicidade: as soluções não exigem habilidades digitais extensas e são simples o bastante para encontrar professores e estudantes onde eles estão.



2

Governança, soberania e regulação pelas lentes do Sul Global

2. Governança, soberania e regulação pelas lentes do Sul Global

A governança foi um dos assuntos mais presentes da semana, e três ideias reapareceram em diferentes sessões. A primeira é que a IA avança mais rápido do que as instituições que deveriam orientá-la. Foi essa a pergunta do painel "Políticas e Estratégias Nacionais: Abordagens de Governança para todo o sistema", do qual Ig Ibert Bittencourt e Thomaz Veloso participaram: como levar a IA de pilotos isolados a estratégias estruturais, sem perder o que torna a aprendizagem humana? O painel, que reuniu experiências de Egito, Emirados Árabes Unidos, Turquia, Finlândia e El Salvador, discutiu a urgência de estratégias que usam política pública, ética, formação docente e plataformas abertas, em vez de pilotos e ferramentas isoladas, sem uma coordenação e planejamento unificados. Outros encontros, como o Strategy Lab sobre a América Latina e o Caribe, reforçaram este direcionamento.

A segunda ideia é que governar a IA não é tarefa apenas dos governos. A sessão "From participation to sovereignty" deslocou o foco das políticas institucionais para as práticas das próprias comunidades. Crianças, jovens, povos indígenas e movimentos cidadãos apontaram a participação como direito e destacaram sua atuação como coautores dos sistemas que os afetam, e não apenas como usuários. Aqui, destacou-se a iniciativa da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, onde agências de notícias lideradas por estudantes da rede pública contribuem para o letramento digital e midiático, o engajamento em pautas climáticas e cidadãs.

Por fim, quanto à soberania sobre língua e dados, a ministra da Educação da República Democrática do Congo, Raïssa Malu, resumiu:



> "Só permitirei que IAs comerciais aprendam com o meu povo se eu puder, ao menos, falar no meu idioma e se tiver certeza de que a riqueza contextual que estamos entregando a elas retornará também em aprendizado para nós."
>
> Raïssa Malu
> Ministra da Educação da República Democrática do Congo

A frase reúne três exigências: a presença das línguas locais nos sistemas de IA, o controle sobre os dados e conhecimentos que circulam, e a reciprocidade, isto é, o retorno de aprendizado às comunidades que os fornecem. Para o Sul Global, estas ideias formam um argumento fundamental: governar bem a IA na educação exige capacidade de sistema, participação real e soberania sobre a própria língua e os próprios dados.

3

Letramento, criticidade e esforço produtivo como habilitador da aprendizagem

3. Letramento, criticidade e esforço produtivo como habilitador da aprendizagem

O letramento crítico em IA, incluindo ética, segurança, pensamento crítico, criatividade e cidadania, apareceu como uma discussão mais urgente do que o uso da tecnologia em si — uma mudança de tom em relação a edições anteriores do evento, que trouxeram maior foco em inovação e desenvolvimento tecnológico.

Para o estudante, participantes destacaram que a IA não pode reduzir o esforço produtivo (productive struggle). Quando a IA entrega respostas e conteúdos rapidamente, reduzindo ou removendo o processo de desconforto inerente à aprendizagem, ela pode inibir os processos cognitivos necessários para a aprendizagem de longo prazo. Exemplos recentes em diversos países ilustram esta preocupação: a secretária de Estado do Ministério da Educação da Finlândia, Mikaela Nylander, compartilhou a experiência de restringir o uso de celulares nas escolas e o retorno intencional aos livros e práticas offline nas escolas:



"What we wanted was to create a calmer atmosphere and that kids were able to concentrate. And, after just one year, we can say we achieved that".

Mikaela Nylander
Secretária de Estado do Ministério da Educação da Finlândia

Enquanto isso, Wayne Holmes, professor de Critical Studies of AI and Education na University College London (UCL), destacou "togetherness" (união, senso de comunidade) como uma funcionalidade que ferramentas de IA não são capazes de replicar.

Em fóruns de discussão, contudo, lideranças educacionais levantaram questionamentos: a IA desenvolve outras habilidades cognitivas, apesar das que estão sendo "perdidas"? Se sim, são habilidades que devem ser mensuradas e cultivadas intencionalmente? Retardar a introdução da IA no currículo pode trazer desvantagens, dada a importância do letramento em IA e das habilidades digitais?

Essa preocupação encontra eco no conceito de Escolas Figitais (Phygital Schools) do IA.Edu, que propõe a integração das dimensões física, digital e social da aprendizagem. Nele, a inteligência individual (conhecimento, aprendizado contínuo e resolução de problemas), a inteligência coletiva (relações, vínculo emocional, colaboração e cidadania) e a inteligência artificial (para apoiar decisões e ampliar interações) são cultivadas de forma integrada e equilibrada, com o objetivo de formar cidadãos-aprendizes-transformadores — pessoas críticas, criativas e ativas na transformação de suas comunidades (Rabin et al., 2026).



O professor como ponte entre política pública e intervenção em sala de aula

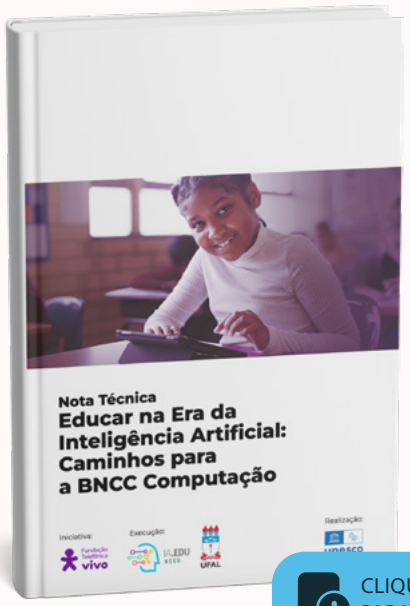
4. O professor como ponte entre política pública e intervenção em sala de aula

Na sessão plenária “Emerging frontiers, plural pathways: Sovereignty, agency and scale”, a ministra da Educação dos Emirados Árabes Unidos, Sarah Al Amiri, a secretária de Estado do Ministério da Educação da Finlândia, Mikaela Nylander, e a professora Durdona Boynazarova, da Escola Presidencial de Termez, no Uzbequistão, reforçaram o papel central dos professores na construção do currículo e no cultivo da aprendizagem por meio das relações humanas. A professora Boynazarova incentivou governos a incluírem docentes no desenvolvimento de políticas públicas, bem como a importância de formação continuada que vá além da usabilidade de uma nova ferramenta, mas esteja ancorada às realidades de sua sala de aula. No Strategy Lab sobre a América Latina e o Caribe, Mílada Tonarelli Gonçalves, Global Innovation & Product Manager da ProFuturo Education, relatou que a mudança duradoura na prática docente tem exigido, de forma consistente, de 80 a 100 horas de formação.

Essa centralidade também orienta o trabalho do IA.Edu. O instituto tem publicado, junto à Fundação Telefônica Vivo (FTV) e à ProFuturo, notas técnicas voltadas às redes públicas de ensino, ambas com a Cátedra UNESCO UNITWIN de IA Desplugada na Educação. A primeira, “Educar na Era da Inteligência Artificial: Caminhos para a BNCC Computação” (Wasserman et al., 2025), é um guia estratégico para que as redes integrem a IA a seus referenciais curriculares, e parte da distinção entre aprender sobre a IA, o que envolve compreender seu funcionamento, seus limites, seus vieses e seus impactos éticos e sociais, e aprender com a IA, usando-a como ferramenta pedagógica. A segunda, “Recomendações para formação docente em Inteligência Artificial (IA) na Educação Básica” (Wasserman et al., 2026), oferece diretrizes para que redes, formuladores de políticas e instituições formadoras construam percursos formativos éticos, críticos e contextualizados, com base em evidências coletadas junto a professores em grupos focais e em um levantamento nacional. Os dois documentos tratam a formação docente como eixo central e defendem que ela seja contínua e integrada às práticas pedagógicas e à gestão educacional.



CLIQUE AQUI
PARA ACESSAR



CLIQUE AQUI
PARA ACESSAR



CLIQUE AQUI
PARA ACESSAR



5. Avaliação de soluções de IA e a necessidade de evidências robustas

Por fim, lideranças da UNESCO e grupos de pesquisadores exigiram evidências robustas que comprovem a eficácia da IA na aprendizagem. Audrey Zhang, da Aliança Global da UNESCO para a Ciência da Aprendizagem na Educação, observou que os governos ainda escolhem soluções de IA por custo, alcance e facilidade de implantação, e não pela ciência da aprendizagem que sustenta a intervenção pedagógica. Zhang alertou que testes de produto conduzidos por pesquisadores (PhD) são hoje o único preditor significativo de que uma solução incorpora ciência da aprendizagem. Por outro lado, narrativas do setor privado tem como norma vender uma visão de futuro, não explicitando o que a solução de fato consegue realizar com base em evidências.

Avaliar também exige olhar para a coleta de dados, de maneira que crianças vulneráveis e historicamente excluídas sejam consideradas. O professor Dan Wagner citou:

- crianças dentro ou fora da escola com baixa aprendizagem,
- jovens com poucas perspectivas de trabalho,
- com diferenças linguísticas e culturais,
- com famílias pouco letradas ou
- com professores com formação, recursos ou habilidades limitados como grupos que raramente são considerados em amostras — e justamente as populações a quem estas soluções deveriam servir.



O BRASIL COMO PRESENÇA DE DESTAQUE NA DIGITAL LEARNING WEEK

O Brasil e o Sul Global nas discussões

O Brasil teve uma presença ampla na Digital Learning Week 2026, com participação em mais de quinze atividades entre sessões plenárias, demonstrações, strategy labs e diálogos com juventudes. Estiveram presentes representantes do governo federal, redes de ensino, universidades públicas, organizações da sociedade civil, pesquisadores e estudantes, levando ao evento experiências e discussões construídas a partir dos desafios concretos da educação pública brasileira.

Um dos espaços que materializou esse movimento foi o strategy lab "Presentation and dialogue with the Brazilian Community", realizado integralmente em português. A sessão foi conduzida por Rodolfo de Carvalho Cabral, secretário-executivo do Ministério da Educação, Ana Úngari Dal Fabbro, Mariana de Almeida Filizola e Maria Rehder, da UNESCO Brasília. Entre os participantes, Emanuel Queiroga representou a Cátedra UNESCO UNITWIN de Inteligência Artificial Desplugada na Educação, contribuindo para a discussão a partir da perspectiva de desenvolvimento de soluções educacionais concebidas para as condições e necessidades do Sul Global.

Essa mesma perspectiva esteve presente na demonstração "Escola pública, automação e mobilidade: Qual educação queremos para 2040?", apresentada por Emanuel Queiroga em parceria com o Instituto Unibanco. A atividade partiu da realidade da educação pública brasileira para discutir os impactos da IA e da automação e refletir sobre quais escolhas precisam ser feitas no presente para construir futuros educacionais mais equitativos, preservando o papel dos professores, das relações humanas e das comunidades.

A participação brasileira reforçou uma questão importante: estar no debate global sobre IA na educação não significa apenas incorporar tecnologias e agendas formuladas em outros contextos, mas também produzir conhecimento, políticas e soluções a partir das realidades do Sul Global. Outro reconhecimento dessa produção ocorreu com o programa Redação Paraná, um dos dois laureados de 2026 do Prêmio UNESCO Rei Hamad Bin Isa Al-Khalifa para o Uso de TIC na Educação.

Em conjunto, essas participações reforçam o papel do Brasil não apenas como espaço de implementação de tecnologias, mas como produtor de experiências, evidências e soluções capazes de contribuir para a agenda internacional de IA na educação.



COMO SEGUIMOS? REFLEXÕES E PRÓXIMOS PASSOS

Implementação

O primeiro desafio é avançar para a implementação, entendendo o que pode ser replicado e escalado e o que deve ser específico ao contexto. Para o IA.Edu, isto ocorre através da ciência da implementação: com a implementação ágil e adaptativa de pilotos, monitoramento e avaliação para a coleta de evidências, a atuação coordenada de União, estados, municípios, universidades e sociedade civil, e a busca pelos elementos de sustentabilidade e escalabilidade que permitam a expansão de projetos sem comprometer a participação local. Além disso, as quatro prioridades de pesquisa traçadas na UNESCO Digital Learning Week pelo cluster temático de IA e Educação das Cátedras UNESCO — fundamentos e governança, currículo e avaliação, robustez das evidências, e dimensões humanas e sociai — oferecem um caminho para transformar essas perguntas em agenda coletiva.

1

Soberania do Sul Global

2

O segundo desafio é considerar as diferenças históricas entre o Norte e o Sul Global. A regulação no Sul Global precisa permitir a inovação e o protagonismo no desenvolvimento de soluções, e garantir que dados, experiências e aprendizados do Sul sirvam às suas populações, sem cair em uma lógica de datacolonialismo, em que os dados de populações do Sul são apropriados por grandes empresas de tecnologia. A exigência da ministra Raïssa Malu, de língua, controle dos dados e retorno de aprendizado, mostra que esta preocupação já está em pauta por quem governa e deve crescer em relevância.

Criticidade e agilidade

3

O terceiro desafio é atuar com uma perspectiva crítica da IA, preservando as relações humanas, o bem-estar e o esforço cognitivo necessários à aprendizagem e a uma infância saudável, sem que isso paralise as intervenções necessárias em contextos de escassez de recursos, tanto tecnológicos quanto humanos.

Crianças e jovens já vivem em uma sociedade que integra a IA e o mundo digital em todos os aspectos. Prepará-los para o presente e para a construção de novos futuros possíveis exige trazer para o centro das decisões e do desenvolvimento as populações historicamente marginalizadas, para que sejam não somente usuárias, mas autoras da IA educacional que as serve. É esse o compromisso do IA.Edu e de seus parceiros, e o convite deste documento a educadores, lideranças e formuladores de políticas brasileiros.

REFERÊNCIAS

Costanza-Chock, S. (2020). Design justice: Community-led practices to build the worlds we need. MIT Press.

Dermeval, D., Rodrigues, L., Isotani, S., & Bittencourt, I. I. (2025). Inteligência artificial desplugada na educação (Nota Técnica 3). IA.Edu/NEES. https://iaedu.nees.ufal.br/wp-content/uploads/2025/08/NT-3-Inteligencia-Artificial-Desplugada-na-Educacao.pdf

Isotani, S., et al. (2023). AIED Unplugged: Leapfrogging the digital divide to reach the underserved. In International Conference on Artificial Intelligence in Education (pp. 772–779). Springer Nature Switzerland. https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-031-36336-8_118

Mejias, U. A., & Couldry, N. (2024). Data grab: The new colonialism of Big Tech and how to fight back. University of Chicago Press.

Ministério da Educação. (2026). Referencial para o uso e desenvolvimento responsáveis de inteligência artificial na educação. https://www.gov.br/mec/pt-br/referencial-de-ia-na-educacao

Rabin, M. L., Wasserman, C., Veloso, T., Silva, G. M. A., Carraturi, M. A., Isotani, S., & Bittencourt, I. (2026). Escolas figitais: IA a serviço da aprendizagem plena para todos. IA.Edu. https://doi.org/10.67159/iaedu.escolas-figitais-aprendizagem-plena

UNESCO. (2026a). Digital Learning Week 2026: Facts, frictions and frontiers. Education in the age of AI [Nota conceitual].

UNESCO. (2026b). Digital Learning Week 2026: Call for proposals. Categories and sub-categories of submissions.

UNESCO. (2026c). Digital Learning Week 2026: Provisional programme (versão de 25 de agosto) e descrições das sessões 1.1 e 3.3 e do Strategy Lab de 11 de setembro sobre a América Latina e o Caribe.

WASSERMAN, Camila; PRIMO, Tiago Thompsen; NÓRA, Laura; ISOTANI, Seiji; BITTENCOURT, Ig Ibert. Educar na era da inteligência artificial: caminhos para a BNCC Computação. São Paulo: Fundação Telefônica Vivo; Instituto IA.Edu, 2025. Nota técnica. Disponível em: https://iaedu.org.br/publicacao/educar-na-era-da-inteligencia-artificial-caminhos-para-a-bncc-computacao/. Acesso em: 22 set. 2026.

WASSERMAN, Camila; TAMBOR, Jéssica; PRIMO, Tiago Thompsen; CARRATURI, Maria Alice; ISOTANI, Seiji; BITTENCOURT, Ig Ibert. Recomendações para formação docente em inteligência artificial (IA) na educação básica. São Paulo: Fundação Telefônica Vivo; Instituto IA.Edu, 2026. Nota técnica. Disponível em: https://iaedu.org.br/publicacao/recomendacoes-para-formacao-docente-em-inteligencia-artificial-ia-na-educacao-basica/. Acesso em: 22 set. 2026.

As falas citadas são traduções livres, feitas a partir das anotações da equipe.

Iniciativa:

unesco Chair

IA.EDU

Apoio:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FAPEAL
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE ALAGOAS

inct
institutos nacionais de ciência e tecnologia